



# Percepções e trajetória de vida no trabalho

## *Perceptions and life course at work*

Marcos Antonio Batista da Silva

Psicólogo, doutorando em  
Psicologia Social pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo  
(PUC-SP), São Paulo, SP – Brasil,  
e-mail: marcos.psic@yahoo.  
com.br

Recebido: 30/10/2011  
Received: 10/30/2011

Aprovado: 04/10/2012  
Approved: 10/04/2012

### Resumo

Este estudo é um recorte de um projeto maior de pesquisa que objetivou fornecer elementos para discussão acerca da atual configuração do mundo do trabalho e as histórias e estratégias utilizadas na construção de carreira. Realizamos um estudo de caso com uma pessoa de 57 anos, sexo feminino, casada, mãe de três filhos, residente de um município da Grande São Paulo. A participante nos concedeu uma entrevista na qual narrou sua trajetória profissional, focando também em sua autobiografia pessoal. Sua narrativa poderá subsidiar orientadores profissionais, psicólogos e outros especialistas que atuem na orientação de carreiras, confrontando um conjunto de mudanças significativas e importantes que estão influenciando os padrões de vida da sociedade, incluindo o mundo do trabalho e os estudos sobre carreira. Este tema se reapresenta na agenda das principais universidades e centros de pesquisa, procurando responder os questionamentos e desafios que emergem de um mundo em transformação. A análise do estudo de caso indicou que muito embora termos vivenciado o padrão de ordem e estabilidade anteriormente em uma carreira, a realidade da grande transformação em nossas vidas é sempre presente e que há uma ordem por trás do caos de carreira dentro do indivíduo e do mundo.

**Palavras-chave:** Mundo do trabalho, Carreira, Autobiografia.

### Abstract

*This study is part of a larger research project aimed to provide elements for the discussion on the current configuration of the working world and the stories and strategies used in building a career. It was conducted a case study with 57 year old married female, mother of three children, resident of a municipality located in the greater São Paulo area. The participant has granted an interview in which she narrated her career, but also focusing on her autobiography. Her narrative could subsidize professional counselors, psychologists and other specialists working in careers guidance, confronting a set of significant and important changes that are influencing the living standards of society including the world of work and studies on career. This issue reappears on the agenda of major universities and research centers, in order to answer questions and face challenges emerging from a changing world. The analysis of the case study indicated that although the standard terms of order and stability may have been experienced in an early career, the*

*reality of the great transformation in our lives is always present and there is an order behind the chaos of careers within the individual and the world.*

**Keywords:** *Working world, Career, Autobiography.*

## Introdução

Ao refletir sobre quais caminhos poderiam sustentar os novos paradigmas da relação homem e o trabalho, e ao mesmo tempo a construção de uma sociedade justa e humana, somos levados a refletir a exemplo de Castanho (2002), que nos revela que “o homem da atualidade encontra-se imerso em um mundo cujo desenvolvimento tecnológico e científico acelera processos de produção, de comunicação e da aplicação dos conhecimentos” (p. 251). Isso implica que as complexidades trazem novas emergências e desafios para a sociedade e para o campo do trabalho. Considerando que o trabalho assume importância em nossa vida, é natural que não nos contentemos com o que ele nos traz. A metamorfose do capital, descrita por Marx (1985), deixa perceber que o trabalho é a ação de transformar o mundo e a nós mesmos. Em si, o trabalho é bom, mas pode ser um mal em determinadas circunstâncias. Prisioneiro de mecanismos de exploração e alienação, o trabalho deixa de ser meio de realização e se transforma em instrumento de coisificação, que aborta muitas perspectivas de criatividade e de um sentido emancipador da vida.

No mundo do lucro e da produção em massa, a desigualdade social enfraquece as possibilidades de realização das potencialidades humanas. O capitalismo em países como o Brasil traz uma cultura de exploração que produz e reproduz a desigualdade social, impregnada nas políticas econômicas e públicas. Nossa sociedade é marcada pela contradição: se por um lado o trabalho é fonte de exploração, por outro, é também fonte de emancipação. Um princípio norteador para compreendermos a importância do sentido do trabalho é o de que o homem modifica o mundo e a si mesmo, produz cultura e se autoproduz. Na contemporaneidade, a produção não se dá apenas no campo material, mas também no imaterial. A equivalência física e simbólica dos produtos leva tudo a se transformar em mercadoria. Mesmo as relações entre as pessoas ganham contornos mercadológicos (Souza Neto, 2008), fundados em uma filosofia do consumismo, pela qual o processo

produtivo se torna objetivo do homem ao invés de o homem ser o objetivo da produção.

Quando pensamos sobre o papel do trabalho, verificamos que ele nos permite expandir nossas energias, desenvolver nossa criatividade e realizar potencialidades. Mas, sobretudo, o trabalho continua sendo vital para o sujeito e para a sociedade, pois engendra uma contribuição social possível. A organização do trabalho expressa um modo de ser, de pensar e de agir de uma determinada civilização. Diante de várias discussões que envolvem o homem e o trabalho, observamos que o processo de racionalização e otimização está formatando o sistema de produção. Dos trabalhadores que permanecem no sistema produtivo, exige-se grande variedade de habilidades e flexibilidade, soluções criativas, alto grau de envolvimento com a empresa e capacidade para tomar conhecimento de todo o processo produtivo. Portanto, o homem deve ser capaz de realizar várias atividades, bem como intervir no processo e no ambiente de trabalho. Em contrapartida, existe a intensificação do trabalho por meio do enxugamento da estrutura e também dos métodos de trabalho. Diante desses fatores, grandes mudanças e desafios irão fazer parte desse contexto, como a evolução acelerada do conhecimento humano.

Pessoas cada vez mais conscientes de seus direitos e do valor que têm; acesso a informações, novos tipos de trabalho, profissões e especializações; a crescente preocupação com a conservação ambiental, somados à globalização e o impacto das novas tecnologias. Tudo isso implica que o impacto das novas tecnologias não deverá ficar somente no âmbito das empresas, mas ser inseridas nos parâmetros curriculares oficiais e não aparecer de modo tímido. Faz-se necessária uma educação em movimento, que deverá ser inserida na vida das pessoas, ocasionando múltiplos benefícios como forma de inclusão. Porém, essas questões da modernidade são processos que geram incertezas e repercutem nas diversas dimensões na sociedade. Os impactos da competição, tecnologização e globalização na relação homem-trabalho estão marcados por uma série de mudanças de caráter estrutural para a qual

contribui o enorme avanço do conhecimento científico e suas correspondentes inovações na área produtiva e globalizações do cenário mundial. A globalização como um processo não pode ser reduzida à dimensão econômica. Globalização “significa a experiência cotidiana da ação sem fronteiras nas dimensões da economia, da informação, da ecologia, da técnica, dos conflitos transculturais e da sociedade civil” (Beck, 1999, p. 46).

Nesse contexto, dinheiro, tecnologia, mercadorias, informações, bem como as pessoas, ultrapassam as fronteiras, como se elas não existissem. A separação dos continentes e das nações torna-se, assim, uma questão de aparência. Para Aguiar (2005), a globalização cria novos espaços sociais que podem modificar as culturas e os valores locais, exigindo, assim, uma nova composição no lugar da que existia. Há relativamente poucos anos, afirmou-se que o desenvolvimento dos países mais pobres dependeria do seu isolamento do mercado mundial e da confiança apenas nas próprias forças. A experiência recente demonstrou que os países que foram excluídos registraram estagnação e recessão, e aqueles que se permitiram sair do isolamento conseguiram entrar na corrente geral de interligação das atividades econômicas em nível internacional. Mas, sobretudo será necessário abandonar uma mentalidade que considera os pobres — pessoas e povos — como um fardo e como importunos, que pretendem consumir tudo o que os outros produziram. Isto posto, Aubert (2004) nos revela que estamos testemunhando o surgimento de um novo indivíduo, cujas formas de ser, fazer e sentir diferem profundamente das de seus antecessores. Os indivíduos resultantes dessas mudanças têm aspectos contraditórios: um enfoque sobre a satisfação imediata dos seus desejos e a intolerância pela frustração da busca do absoluto ainda é relevante. Acreditando que todo esse processo moderno possa gerar riscos, Bauman (2006), quando fala sobre modernidade e seus riscos, nos revela que uma das características do que ele chama de “modernidade sólida” era que as maiores ameaças para a existência humana eram muito mais óbvias. Isso implica que os perigos eram reais, palpáveis, e que não havia muito mistério sobre o que fazer para neutralizá-los ou, ao menos, aliviá-los. Era óbvio, por exemplo, que alimento, e só alimento, era o remédio para a fome. Os riscos de hoje são de outra ordem e não se pode sentir ou tocar muitos deles,

apesar de estarmos todos expostos, em algum grau, às suas consequências.

Não podemos, por exemplo, cheirar, ouvir, ver ou tocar as condições climáticas que gradativamente, mas sem trégua, estão se deteriorando, a diminuição das matérias primas e das fontes de energia não renováveis e os processos de globalização sem controle político ou ético que solapam as bases de nossa existência e sobrecarregam a vida dos indivíduos com um grau de incerteza e ansiedade sem precedentes, ocasionando uma nova dinâmica na formação da relação homem-trabalho. Para confrontar sua condição existencial e enfrentar seus desafios, a humanidade precisa se colocar acima dos dados da experiência a que tem acesso como indivíduo. Ou seja, a percepção individual, para ser ampliada, necessita da assistência de intérpretes munidos de dados não amplamente disponíveis à experiência individual.

Quando se refere ao conceito de pós-modernidade, Bauman (2006) expõe uma das razões pelas quais passou a falar em “modernidade líquida” e não em “pós-modernidade”: para ele, pós-modernidade significa uma sociedade que se refere a um tipo de condição humana, enquanto “pós-modernismo” refere-se a uma visão de mundo que pode surgir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna. Ser um pós-modernista significa ter uma ideologia, uma percepção do mundo, uma determinada hierarquia de valores que, entre outras coisas, descarta a ideia de um tipo de regulamentação normativa da comunidade humana, assume que todos os tipos de vida humana se equivalem, que todas as sociedades são igualmente boas ou más. No contexto apresentado pelo autor, tudo é temporário: as relações, o trabalho, a relação homem-trabalho. É isso que sugere a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna. Como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente “reenraizado”, agora todas as coisas – empregos, relacionamentos, *know-hows*, etc. – tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em

rotinas e tradições. É, portanto, tentar compreender quais são as consequências dessa situação para a lógica do indivíduo, para seu cotidiano.

Quando nos referimos à crise do sistema capitalista e ao mundo do trabalho, podemos também nos reportar às ideias de Antunes (1999), quando aborda a crise da sociedade do trabalho, afirmando que é absolutamente necessário qualificar de que dimensão se está tratando: em primeiro lugar, se é uma crise da sociedade do trabalho abstrato. Em segundo lugar, se trata da crise do trabalho também em sua dimensão concreta, enquanto elemento estruturante do intercâmbio social entre os homens e a natureza. No primeiro caso, da crise da sociedade do trabalho abstrato, há uma diferenciação que nos parece decisiva e que em geral tem sido negligenciada. A questão essencial é: a sociedade contemporânea é ou não predominantemente movida pela lógica do capital, pelo sistema produtor de mercadorias, pelo processo de valorização do capital? Se a resposta for afirmativa, a crise do trabalho abstrato somente poderá ser entendida como a redução do trabalho vivo e a ampliação do trabalho morto. Acredita que sem a precisa e decisiva incorporação desta distinção entre trabalho concreto e abstrato, quando se diz adeus ao trabalho, comete-se um forte equívoco analítico, pois se considera de maneira uma um fenômeno que tem dupla dimensão.

Para Antunes (1999), que supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho, não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e tempo livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará maculada pela desefetivação que se dá no interior da vida laborativa. Como o sistema global do capital dos nossos dias abrange também as esferas da vida fora do trabalho, a desfetichização da sociedade de consumo tem como necessidade imprescindível a desfetichização do modo de produção das coisas, o que torna a sua conquista muito mais difícil se não se inter-relaciona decisivamente a ação pelo tempo livre com a luta contra a lógica do capital e a vigência do trabalho abstrato. Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social somente poderá efetivar-se pela demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido e autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o

trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade.

### **Método: partindo de um quadro de percepções**

Realizamos uma entrevista com uma pessoa de 57 anos, do sexo feminino, a quem demos o nome fictício de Tereza, casada, com três filhos jovens, que tinha uma história de vida no trabalho. A sondagem procurou valorizar a fala da participante por meio de sua narrativa profissional, familiar e escolar, sua vivência do período da adolescência, seu processo de escolha profissional, mudanças e transições ao longo de sua carreira, momentos de estabilidade, ações de desenvolvimento profissional, além de confrontarmos seu momento atual de carreira e suas perspectivas futuras, características estas que foram elementos importantes para uma melhor compreensão acerca da atual configuração do mundo do trabalho e a trajetória de sua carreira. Para análise deste estudo, utilizamos o método de estudo de caso. Ainda que hajam críticas a essa metodologia, ela foi importante para o diálogo do pesquisador com a participante no sentido de desvelar um pouco mais o fenômeno estudado. Neste estudo, fica evidenciado que a participante envolveu-se com profundidade nos objetivos de nossa pesquisa e seus depoimentos ajudaram a enriquecer nossas reflexões. Tereza nos ofereceu um panorama dos temas abordados e nos permitiu inferir que a percepção pode ser um processo muito mais pessoal do que comumente se crê.

### **Percepção de uma trabalhadora sobre os espaços de convivência, família, escola e trabalho**

A participante Tereza nasceu na década de 1950. Esta época foi marcada por grandes avanços científicos, tecnológicos, mudanças culturais e comportamentais. Menciono as transmissões de televisão que provocaram uma grande mudança de costumes e nos meios de comunicação nacional; a televisão pode ter dimensão entre a dominação ideológica e a necessidade de educar a sociedade brasileira, diante das mudanças econômicas e sociais do país. Se os dispositivos do poder, segundo Foucault (1996), buscavam no trabalho, controlar o tempo do cidadão para torná-lo mais útil economicamente, na TV,

o controle do tempo se dá em seu momento de não trabalho, após sua jornada de trabalho, de forma a torná-lo menos útil, talvez, em seu aspecto político. A disciplina televisiva pode ir um pouco além, fabricando fenômenos, por meio da vigilância hierárquica, que se estabelecem entre dois gêneros: o telejornalismo e a telenovela. Por outro lado, a televisão também pode ter uma melhor aplicação e cabe ao homem utilizá-la de forma adequada e em prol de objetivos sociais. No campo da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalista e socialista ganhavam cada vez mais força nesta década, fato que não caracteriza o momento atual a exemplo da globalização e o possível processo de abertura política e econômica em Cuba.

### A família como uma influência

No decorrer da entrevista, Tereza demonstrou seu questionamento, mas também respeito e reconhecimento da influência da família na construção dos valores essenciais e com relação a sua trajetória de vida no trabalho.

Para o meu pai o papel da mulher era cuidar da casa, educar os filhos e servir ao marido. Os filhos homens deveriam começar a trabalhar logo e as filhas mulheres deveriam aprender prendas domésticas, não precisavam estudar, porque mais tarde iriam casar e esta seria a trajetória delas.

No Brasil, identificamos a passagem do modelo patriarcal feudal ao modelo patriarcal nuclear burguês. A história da instituição familiar no Brasil tem como ponto de partida o modelo patriarcal, importado pela colonização e adaptado às condições sociais do Brasil de então, latifundiário e escravagista. O patriarca era o detentor das posses, não apenas de seu latifúndio, mas de sua família, de seus agregados e escravos. Nessa configuração, a mulher era considerada propriedade do patriarca. Mercadoria cambiável nos casamentos arranjados, depois de casada cabia à mulher administrar a casa e servir ao marido como reprodutora.

Com o processo da separação dos pais de Tereza no início dos anos 1970, a família teve que se adaptar a nova situação, e as ideias conservadoras foram dando lugar às necessidades que iriam surgindo a exemplo da manutenção e o sustento da casa, situação esta melhor identificada com o advento da

revolução industrial. Neste sentido, encontramos evidenciado no trabalho de Scott (2010) que o peso da família diminuiu, reforçando as relações e permitindo investimentos em educação e outros traços da modernidade para as novas gerações e subjacente a esta atitude. Neste sentido as famílias buscam ser mais funcionais, sistêmicas e socializadoras no caminho de modernidade. Com a ascensão do feminismo, o modelo familiar se modifica e paralelamente, percebem-se relações intergeracionais permeadas por tensões e diferenças, com os filhos contestando o mundo forjado pelos pais e pelos pais dos pais.

Ao revisitar Singly (2007) apreendemos a família como um espaço no qual os indivíduos acreditam proteger a sua individualidade, ao mesmo tempo em que sofrem intervenção do Estado mediante o apoio e a regulação sobre as relações dos seus componentes. Contudo, ao longo das últimas décadas, a discussão sobre a crise da família no ocidente foi propiciada pelos efeitos do divórcio, pelo enfraquecimento da instituição do casamento e da baixa taxa de nascimentos. Esses acontecimentos tanto indicaram a compreensão de que se delineara o enfraquecimento da família, quanto sugeriram a análise do surgimento de novos modelos familiares, caracterizados, por sua vez, pelas mudanças nas relações entre os sexos e as gerações, tais como: controle mais intenso da natalidade, autonomia relativa da sexualidade, inserção da mulher no mercado de trabalho, entre outras. Ao acompanharmos as transformações no âmbito da família moderna, focalizando os comportamentos interpessoais, entendemos, pela visão do autor, que nas sociedades contemporâneas ocidentais os indivíduos não se parecem com aqueles das gerações precedentes, devido ao surgimento do indivíduo original e autônomo, resultante da imposição dessas sociedades, as quais fazem vigorar razões tanto ideológicas quanto objetivas.

Nessa direção, ao eleger-se a matricidade social como eixo do sistema social, a família é enfocada em seu contexto sociocultural e econômico, com composições distintas e dinâmicas próprias. Essa compreensão busca superar a concepção tradicional de família, o modelo padrão, a unidade homogênea idealizada e acompanhar a evolução do seu conceito, reconhecendo que existam arranjos distintos, em constante movimento e transformação. Contudo, as novas concepções de família na sociedade moderna muitas vezes contribuem para uma educação

deficitária dos filhos, porque ao mesmo tempo em que podem suprir necessidades materiais, muitas vezes não conseguem desenvolver um processo afetivo e de aprendizagem. O crescente número de relações pouco duradouras tem tido consequências drásticas no que diz respeito à estrutura da família. Atualmente, poucas são as famílias em que se encontra pai, mãe e filhos vivendo em harmonia sob o mesmo teto, o que gera certa desestrutura. No entanto, alguns especialistas afirmam que esse termo deve ser revisto. Desestrutura familiar, por exemplo, não quer dizer, necessariamente, ausência de pai ou de mãe, ou modelo familiar alternativo. A desestrutura está relacionada com as condições mínimas de afeto e convivência dentro da família, o que pode ocorrer em qualquer modelo familiar.

Todas as vezes em que Tereza se referiu à família, o fez com admiração e gratidão. Isto talvez demonstre que, para além das questões financeiras e familiares, há outras variáveis que, pela perspectiva winnicottiana determinam o que é uma família suficientemente boa. Mesmo diante das transformações das responsabilidades familiares, a nosso juízo, a família permanece vital para a integração e a inserção do sujeito. Na era dos direitos humanos, no quadro da doutrina de proteção integral, o que se observa é que a Constituição brasileira, as legislações sociais e as políticas públicas consagram o princípio da família como base do desenvolvimento do sujeito.

Em que pesem os dramas da família brasileira, a situação econômica, as práticas de violência, entre outros, a família continua a ser valorizada como um dos pilares de garantia da coesão social. Nesse sentido, os clássicos da sociologia e da psicologia nos permitem afirmar que a família sempre influenciou e continua a influenciar as escolhas e decisões do sujeito, seja positiva ou negativamente. Ao longo da história, verificamos as nuances dessa influência. Na sociedade da era da informação, outras instituições partilham com a família esse papel.

Após a separação dos pais, Tereza nos revelou que ficou ao lado da mãe cuidando dos trabalhos domésticos e estudando. Para Scott (2010), a ideia da reprodução da força de trabalho é reexaminado para valorizar o trabalho das mulheres na esfera doméstica e que a maior inserção de mulheres na força de trabalho é mais um fator que permite repensar a importância de arranjos diversificados de famílias para as relações de poder entre homens e mulheres e entre avós, pais, filhos e netos. Nesse sentido

pode-se falar em uma estrutura familiar característica da classe trabalhadora, em que todos os componentes deveriam trabalhar para garantir o sustento, sujeitando-se a extensos horários de trabalho e, em muitos casos, tendo a mulher alçada ao mercado de trabalho, assumindo frequentemente o papel de sustentáculo da família.

#### A escola: espaço de convivência e aprendizagem

Se para os clássicos da sociologia e da psicologia, a família era responsável pela socialização primária e a escola pela secundária, hoje essa distinção já não é tão clara, sobretudo na escola, que acabou por assumir ambos os papéis. A formação educacional da participante Tereza teve início o início da década de 1960, em escola pública, e após anos de estudos e ao terminar o antigo ginásio, surgiram dúvidas comuns aos adolescentes, principalmente devido ao seu processo de socialização, em que seus pais não viam a necessidade de estudos para a figura feminina. Fazendo uma breve reflexão, levando em conta a retrospectiva histórica da educação, percebemos que nos anos 1950, a educação estava a serviço de pequenos grupos, favorecendo uma elite, que tinha como propósito formar lideranças com conteúdos que favoreciam a reflexão e a crítica, que levavam ao pensamento e à instituição de um saber. Logo em seguida, com o processo da industrialização, nos deparamos com outra situação, em que a grande massa da população precisava aprender a ler e a escrever.

Tem início nesta época um processo de educação de massas, no qual muitas escolas são construídas com o objetivo de formar mão de obra para o mercado de trabalho, em que o método escolar se assemelha a uma linha de produção: produzia-se com muita rapidez, o que implicava uma escola seriada. Sob essa ótica, acreditamos que a escola segmentou o saber: produziu-se um conhecimento desvinculado da vida real e, no caso dos jovens, percebemos que a escola atual, salvo algumas exceções de escolas técnicas profissionalizantes, não prepara o jovem para o mercado de trabalho. Se a escola produz um conhecimento fragmentado, e vivemos de maneira totalitária, em que temos de resolver várias situações ao mesmo tempo, como esse jovem em formação participará do mundo do trabalho globalizado, no qual o conhecimento encontra com a vida?

A educação recebida na família, na escola e na sociedade de um modo geral, cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento no lar como habitat da criança e da família, assim como a influência do meio social mais amplo, que é muito grande, principalmente na primeira infância e na adolescência, fases críticas do desenvolvimento do ser humano, que sempre requerem um maior cuidado e atenção. É importante olhar a escola como uma instituição que reproduz as mazelas sociais, mas também as transforma e cria condições de mudança para o sujeito, como a veem Freire ou Gramsci.

O questionamento de Tereza traz à tona o desconhecimento das prioridades da escola e do conjunto de uma trajetória profissional. O básico, o genérico, é peculiar às instituições família e escola. Sem esses “conhecimentos básicos” não há como alguém se qualificar profissionalmente. Sem conhecer as operações e as noções elementares da matemática e da física, e sem o domínio da língua, o saber fazer fica seriamente comprometido. A escola contribui para formar integralmente o sujeito. Seu grande desafio está no campo da profissionalização, um ramo em que as empresas parecem ter mais competência e tecnologia disponível. Neste caso, porém, continua indispensável a parceria entre a escola e a empresa. Algumas experiências desse tipo de no Brasil, demonstram que esse deve ser o novo projeto a ser perseguido pelas políticas públicas de educação.

Há um consenso de que, na sociedade do conhecimento e da informação, a escolarização tem valor inquestionável, “já que é capaz de proporcionar ao indivíduo experiências e informações de sua cultura” (Rego, 2002, p. 48). Entretanto, em tempos atuais, os jovens acreditam que a escola precisa abrir um espaço para que possam discutir projetos de vida que incluem o trabalho. Por essa perspectiva, temas sobre as inquietações dos jovens, seus temores e expectativas, devem integrar o currículo.

#### **O ser jovem para Tereza**

Para Tereza, na época em que cresceu, ser jovem era ter um cotidiano. A participante nos revela também que em sua adolescência teve ganhos e perdas: ganhou, por exemplo, em autonomia, porque podia sair com amigos, ir a festas, estudar, vivências estas que antes da separação dos seus pais não eram

possíveis. Teve perdas porque a sua família, após a separação, mudou bastante, percepção esta que para os seus filhos na sociedade atual poderiam ser diferentes, contudo, a partir dessa observação da participante, evidenciamos a percepção do ser jovem em sua época.

Eu sentia até saudades da maneira que era antes, dos conflitos sobre a minha educação, quando os meus pais não me deixavam sair e que mulher não precisava estudar. O meu dia a dia era arrumar a casa fazendo trabalhos domésticos e manuais, ir para a escola, ajudar a minha irmã que havia casado a organizar a casa dela, cuidava da sobrinha recém-nascida, ir a bailes. Na época da adolescência pensava em ser psicóloga, gostava de ouvir os outros para dar opinião.

Ao apresentar a adolescência como foco de análise, descreve essa fase da vida como um período de oportunidades, o que implica que a adolescência deve ser entendida, antes de tudo, como uma fase especial de desenvolvimento, que precisa ser abordada a partir da perspectiva dos direitos. Analisar o impacto de questões emergentes na adolescência é poder investir no desenvolvimento dos adolescentes, considerando que a essa geração caberá encontrar soluções para os desafios da contemporaneidade, como a crise financeira mundial, o desemprego estrutural, a mudança climática que gera degradação ambiental, a urbanização, migração e o envelhecimento das sociedades.

Acreditamos para que a adolescência se torne realmente uma fase de oportunidades para todos, será preciso que as necessidades específicas da adolescência sejam contempladas nas políticas públicas e que a agenda dessas políticas seja uma específica e positivamente focada na promoção do desenvolvimento integral dos adolescentes; que o apoio na fase inicial e intermediária da infância seja complementado por investimentos em educação, cuidados de saúde, proteção e participação dos adolescentes, principalmente para os mais pobres e vulneráveis; que dados e informações sejam coletados para identificar os grupos mais vulneráveis de adolescentes em todas as regiões e as iniquidades que os afetam, para garantir-lhes mais investimentos, oportunidades e direitos; que os adolescentes sejam ouvidos nos processos de tomada de decisão como condição

essencial para se alcançar mais equidade; e que as escolas aproveitem a facilidade de aprendizado dos adolescentes e contribuam para que eles adquiram competências, habilidades e conhecimentos necessários para desenvolver todo o seu potencial.

Tereza, a entrevistada, teve a oportunidade de ingressar na década de 1970 no ensino profissionalizante, na modalidade de Desenho Mecânico, na época com 17 anos. Sem as referências masculinas presentes em seu ambiente de seu cotidiano, desperta nela o desejo de ter habilitação para dirigir; neste sentido, procura o curso técnico de mecânica, visando o aprendizado para estar habilitada para aprender sobre o mecanismo dos automóveis: “Pensei que fazendo o curso de desenho mecânico fosse me possibilitar aprender a dirigir e aprender mexer no carro.”, explicou Tereza na entrevista.

Hoje é muito tênue a separação entre escola e trabalho, pois ambos mantêm uma reciprocidade. Similarmente, o fim primeiro da família não é preparar o jovem para o trabalho, mas os procedimentos familiares têm uma sintonia com o mundo do trabalho. Compartilhamos o pensamento de Rössler (2007) de que o ensino profissionalizante poderia ser uma solução para o problema de educação para o trabalho, e destacamos a importância de refletir sobre as relações entre as esferas do mundo do trabalho e da educação.

Segundo o relato da participante, ela encontrou muitas dificuldades durante o curso, porque as suas expectativas não foram correspondidas. Paralelamente ao curso técnico, tirou a tão sonhada carteira de habilitação, fez curso de datilografia e cursou inglês por seis meses. Enfim, terminou o curso técnico no ano de 1978. Neste mesmo ano, durante o seu baile de formatura, conheceu o seu atual companheiro e com ele casou-se no ano de 1981.

#### **O desenvolvimento após a adolescência: emprego, casamento e a nova família**

Os passos de dança do baile de formatura caminharam em uma nova direção, visando o futuro em que estava incluído o casamento, a composição de uma nova família, uma maior autonomia e o primeiro emprego de carteira assinada. Na época, não era tão difícil quanto o é agora para o jovem ingressar no mundo do trabalho. Tereza, que já tinha um interesse em ouvir os outros, queria ser psicóloga, mas cursou técnico profissionalizante em mecânica.

O sonho ultrapassou a formação. O seu desejo de estar em contato com as pessoas a levou trabalhar em um hospital psiquiátrico. Inicia então sua trajetória profissional. Trabalhou no hospital por dois anos. Trocou de emprego, mas seguiu em outro hospital, no qual permaneceu por outros quatro anos, exercendo a mesma função na área de faturamento. Saiu do trabalho, se casou no início da década de 80 e teve filhos. Hoje, contudo, Tereza diz: “Fico muito preocupada com o futuro dos meus filhos. Será que eles vão ter um bom trabalho? Será que encontrarão um emprego? O mundo tem mudado tanto... Tento prepará-los para vida, mas fico com medo.”

Nesse sentido, como conciliar a inserção social do jovem, de pertencer a uma sociedade globalizada e em rede em que é necessária a capacitação para o mercado de trabalho e preparo básico para a vida? No caso da família de Tereza, ela conseguiu direcionar a nova geração para uma formação condizente, de certa maneira, as necessidades da sociedade atual, porém não tem garantias do sucesso profissional dos seus filhos. Por sua vez, outras famílias apresentam dificuldades para reverter este quadro devido à condição social que marcam o seu cotidiano, forçando o ingresso precoce do adolescente no mercado de trabalho, mesmo em empregos não formais, a exemplo de flanelinhas, guardadores de carros, limpadores de vidros em sinais de trânsito, entre outros. Além da necessidade de aumentar a renda, o trabalho dos jovens é valorizado pelas famílias pelo seu potencial socializador; uma vez que, em tese, mantém os jovens ocupados e, portanto, longe dos desvios da vivência na rua, como as drogas e a criminalidade.

De acordo com Calimam (2006), diante de certos comportamentos e estilos de vida não convencionais, muitas pessoas atribuem qualificações e rótulo a indivíduos com diferentes abordagens relacionadas ao desvio social e a delinquência juvenil. No esboço de um relato sobre o que é ser jovem, é importante contextualizarmos que a sociedade atual está fortemente apoiada em seu desenvolvimento a fatos relativos em âmbitos socioeconômicos, emocionais e culturais que convergem de diversas maneiras do jovem perceber e intervir no mundo. Na sociedade contemporânea, com o processo de globalização, das novas tecnologias de informação e dinâmicas de trabalho, vivemos momentos que promovem uma multiculturalidade que em certos momentos rompem com algumas referenciais tidas tradicionais.



Há substituições de cenários, meios de comunicação, família, escola, trabalho, espaços privados e individualização. Diante do exposto, apreendemos que trabalhar em um único emprego, com base em conhecimentos adquiridos na juventude ou em cursos profissionalizante, tem progressivamente se tornado uma exceção ao longo das últimas décadas.

Para Tereza não foi diferente, o que implica que este modelo tradicional de carreira tornou-se insuficiente para explicar e entender o trabalho, assim como a definição de sucesso na carreira. A complexidade da realidade resulta em limitações importantes sobre as capacidades dos seres humanos para o controle de si mesmos e seus contextos de vida. Como consequência, nossas vidas, assim como o nosso mundo, a experiência e a estabilidade sugerem um padrão de mudança e imprevisibilidade, como indica a teoria do caos das carreiras, que identifica os indivíduos como sistemas dinâmicos complexos. (Bright & Pryor, 2005).

#### Mudanças e amadurecimento de Tereza

Tereza sempre esteve em busca de oportunidades e procurou se apropriar delas quando surgiam. Em dado momento da entrevista, a participante lembra de um período estável de sua carreira, quando trabalhava na revendedora de automóveis: “Lembro com carinho de quando trabalhei em uma revendedora de automóveis. Lá tinha apoio do meu chefe, meus amigos gostavam do meu trabalho, tinha apoio da empresa, o chefe não queria que eu saísse, saí e me arrependi.”

A participante lembra-se desse momento quando fala de seu atual trabalho, de atendente de biblioteca, no qual percebe um ambiente desfavorável, mas gosta das crianças e adolescentes com os quais trabalha. Tereza parece lutar com as transformações pela quais a sua carreira passou; foi necessário autodisciplina e sofrimento, envolvendo também a perseverança, pois é um processo contínuo de automonitorização e adaptação. Em sua fase atual, não vê mais a oportunidade de escolha de emprego. Nesse sentido, a questão da oportunidade é o desafio de aceitar e abraçar a realidade da imprevisibilidade e incerteza permanente. no entanto, Tereza ainda tem objetivos gerais de alargar as suas potencialidades. Após o ingresso em seu atual emprego, iniciou o curso de Pedagogia, já que o ambiente escolar a contagiou. A participante tem como

perspectivas futuras concluir o curso de Pedagogia e prestar concurso público para ser professora da rede pública do município em que reside, independentemente das incontáveis críticas em relação ao trabalho público.

Entre as críticas ao trabalho público destaca-se o a visão do objeto da crítica como se ele estivesse e fosse desagregado do funcionamento do todo social. Porém, as instituições públicas são produtos da realidade. Em uma sociedade na qual o seu funcionamento cria e mantém a desigualdade, a liberdade não é possível, pois há uma racionalidade que estrutura e mantém o funcionamento e condições objetivas que levam à regressão e não formação do sujeito e da consciência (Gomes, 2008). Portanto, não é possível discutir a instituição ou o servidor público como objetos isolados. Neste sentido, o servidor enquanto trabalhador, em troca da estabilidade de emprego em uma conjuntura ameaçadora e de pouca empregabilidade, acaba sendo construtor do cotidiano, ainda que sofra de diversas formas, como com a pouca capacitação e baixo investimento em condições de trabalho.

Os concursos foram vislumbrados a partir do falta de possibilidades no ingresso na iniciativa privada, descontentamento com a inserção profissional e também pela estabilidade e demais benefícios proporcionados. A pessoas que almejam o trabalho em serviço público expressam a situação econômica, social e educacional vigente, e os obstáculos do mundo do trabalho contemporâneo, no qual pessoas com ensino superior, pelas dificuldades de inserção e permanência no mercado de trabalho, vêm no serviço público garantia de emprego estável. Os sentidos do trabalho para as pessoas que querem ingressar no serviço público de maneira geral estão relacionados à concepção de um emprego estável, em que a garantia de um emprego configura-se como mais importante do que uma possível satisfação oriunda das atividades laborais. (Albrecht, 2010).

Diante do exposto, e apreendendo a teoria do caos das carreiras de Bright e Pryor (2007), identificamos que pessoas como Tereza fazem parte de sistemas dinâmicos e complexos. Essa complexidade é evidente em cada um de nós porque participamos de funções, incluindo a família, o mercado de trabalho, organizações, economia, a política as leis, entre outras, com relevância para as carreiras dos seres humanos. Acreditamos que as pessoas são dinâmicas e que podem iniciar a mudança e ser afetadas por ela.

## Considerações finais

O estudo relatado evidenciou a importância em abordar os aspectos das percepções dos indivíduos como Tereza, que tenham uma história de vida no trabalho. Foi importante conhecer sua autobiografia e como foi configurada sua trajetória profissional, assim como os recursos que foram utilizados para mantê-la. A sociedade contemporânea exibe um cenário de crises de valores, ao mesmo tempo em que transformações tecnológicas e sociais repercutem na forma e na diversidade dos indivíduos que participam socialmente e buscam uma relação homem-trabalho mais humana.

Nesse contexto, acreditamos que a contribuição da família e do processo de formação educacional, por meio da capacitação e certificação pode contribuir no desenvolvimento de carreira e fortalecer a autoestima do indivíduo, propiciando-lhe suporte para o seu desenvolvimento. Acreditamos também que a carreira é um elemento importante para a construção da identidade, mas cabe a cada indivíduo criar oportunidades para desenvolver habilidades e adquirir cada vez mais conhecimentos que lhe proporcione vantagem competitiva, atraindo oportunidades de trabalho, principalmente porque as carreiras não são lineares e previsíveis, mas dinâmicas. Por outro lado, a carreira requer enfrentamento e adaptação, visando a criação e possível aceitação dos desafios e oportunidades da transição da vida e progressão, com humildade, coragem, responsabilidade e esperança. E, por fim, abriu-se espaço para a discussão com as novas gerações, e diferentes grupos etários e desiguais.

## Referências

- Aguiar, M. A. F. (2005). *Psicologia aplicada à administração: uma abordagem multidisciplinar*. São Paulo: Saraiva.
- Albrecht, P. A. T. (2010). *Sentidos do Trabalho para Concurseiros: a busca do emprego estável como estratégia de inserção no mundo do trabalho contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Aubert, N. (2004). *L'Individu hypermoderne*. Paris: Érès.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, U. (1999). *O que é globalização?* São Paulo: Paz e terra.
- Bright, J. E. H., & Pryor, R. G. L. (2005). The chaos theory of careers: a user's guide. *The Career Development Quarterly*, 53, 291-305.
- Calimam, G. (2006). *Desvio Social e Delinquência Juvenil*. Brasília: Universia.
- Castanho, M. I. S. (2002). Complexidade, transição e processos de desenvolvimento e aprendizagem. In: Dunker C. I. L & Passos, M. C. (Org), *Uma psicologia que se interroga: ensaios*. São Paulo: Edicon.
- Foucault, M. (1999). *A hermenêutica do sujeito*. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, P. (1983). *Pedagogia do oprimido*. 12a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gomes, N. F. (2008, Dezembro). A subjetividade do servidor público constituída na relação com o estado e a sociedade. *Psicologia da América Latina*, (15), 1-11. Recuperado em 30 de maio de 2011, de <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000400002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400002&lng=pt&nrm=iso)>.
- Gramsci, A. (1978). *Concepção dialética da história*. 3a ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Marx, K. (1985). *O capital: crítica da economia política*. 3a ed. São Paulo: Nova Cultural.
- Pryor, R. G. L. & Bright, J. E. H. (2007). Applying chaos theory: attraction and attractors. *Journal of Vocational Behavior*, 71(3), 375-400.
- Rego, T. C. (2002). Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA M. K. et al. *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 47-76.

- Roosler, J. H. (2007). Trabalho, educação e psicologia na sociedade contemporânea: a formação do indivíduo no contexto da atual reestruturação produtiva. In: Meira, M. E. M. A. & Facci, M. G. D. (Org.). *Psicologia histórico-cultural, contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Scott, P. (2010, Maio/Agosto). Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Revista Sociedade e Estado*, (25)2, 251-284.
- Singly, F. (2005). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV.
- Souza Neto, J. C. (2008). *Infância: violência, instituições e políticas públicas*. (Vols. 1-2). São Paulo: Expressão & Arte.
- Winnicott, D. W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.